

Modernidade ou imoralidade?

AUGUSTO MARZAGÃO

Caiu o Muro da Vergonha de Berlim, todos sabemos. Mas no Brasil continua de pé um dos mais vergonhosos muros: o da miséria, da fome, do desemprego, da recessão. O governo Itamar Franco está diante de um dos piores desafios. O que se esperava do governo eleito pelas urnas em 89 e empossado em 90 não aconteceu. Pelo contrário, o quadro se tornou grave.

Caímos hoje não somente nos índices de desempenho econômico, mas também no de desemprego para um nível de quase 20%. É o perigoso patamar da panela de pressão que pressiona ainda mais nos milhares (milhares, mesmo!) de falências de médias, pequenas e microempresas. Só no mês de maio, mais de 50% acima de maio de 91.

Grande parte disso parece ter causa no neoliberalismo que se aplicou nesses dois anos. E não é somente o Brasil que sofre as suas consequências. A França conta hoje com um preocupante número de desempregados; os Estados Unidos se vêem às voltas com o mesmo problema. Bush que o diga nessa campanha presidencial. Assim também os países da Europa Ocidental, sem falar nos milhões do ex-império soviético da Europa Oriental.

Hoje, alguns critérios do neoliberalismo estão sendo seriamente questionados em muitos países. Uma reavaliação está sendo processada em torno de seus postulados e das repercussões sociais que vem provocando.

Será conveniente que se pare um pouco a campanha de que o presidente Itamar Franco é um nacionalista ferrenho, xenófobo, retrógrado, sem sintonia com a tal "modernidade", que eles tanto apregoam e que foi surradíssima palavra

no discurso de um governo impedido há algumas semanas pela Câmara dos Deputados.

Os tempos são de arejamento. São de malhação do estado no que de mais gorduroso e pesado em sua estrutura existe. Há que emagrecer, enxugar a enxúndia da máquina. Porém, não nesse tour de force de camiseta, de triste memória.

Os países do Ocidente europeu não abriram mão de algumas de suas empresas a troco de recessão e desemprego. A Itália, por exemplo, não negociou a sua economia informal para abrir a porta da "modernidade" da Comunidade só porque o neoliberalismo, insensível em alguns aspectos, acha que economia informal não é "moderno". A Itália simplesmente sabe do custo social que terá de levar sua informalidade econômica ao extremo.

No Brasil, não se teve nenhum escrúpulo em provocar a recessão, deflagrar o desemprego (que alcança índices assustadores em todos os Estados) e manter uma inflação higienizada de 20% a 25%, em nome de um liberalismo equivocado.

No Brasil, os dois anos e meio de "modernidade" deram no que deram porque a inconsciência dos atos de governo é que orientava as grandes decisões. Inconsciência essa, porém, bem consciente dos interesses do esquema paralelo de corrupção a que servia e que se antepunham aos verdadeiros interesses nacionais.

Acompanhem os dados de um quadro comparativo entre o período 85/89 e 90/91, publicado na Síntese de Economia Brasileira, da Confederação Nacional do Comércio.

	1989	1990	1991
PIB	+3.20%	-4.60%	+1.21%
Indústria	+3.00%	-8.62%	0.00%
Serviços	+3.60%	-0.70%	+2.06%
Agropecuária	+2.50%	-4.40%	+2.12%
Comércio	+2.90%	-6.50%	+1.00%
Prod. óleos combust.	+17.75%	-9.09%	-10.41%
Prod. energia elétrica	+4.95%	+1.29%	+5.49%
Exportações	+1.83%	-8.70%	+0.71%
Prod. industrializados	+1.50%	-9.50%	+1.56%
Prod. básicas	+1.47%	-8.41%	-0.03%
Importações	+25.17%	+13.02%	+1.71%
Prod. ferro-gusa	+3.87%	-12.73%	+7.35%
Prod. aço bruto	+1.61%	-17.91%	+9.97%
Prod. petróleo bruto	+6.93%	+6.00%	-1.07%
Prod. óleo diesel	+0.04%	-0.97%	-5.60%
Saldo Bal. Com. (US\$ bil)	16.125	10.753	10.622

Fonte: Revistas da Confederação Nacional do Comércio de 1991 e 1992.

Como se vê, o Brasil empobreceu muito. Nesses últimos dois anos, não houve recuperação em relação ao ano de 1989. Os índices alcançados no período de 1986 a 1989 desabaram no governo Collor, confirmando tudo que se dizia da sua primeira equipe, de jovens desconhecidos, mas que gozaram da confiança dos centros financeiros.

Um dos dados que se destacam é o do Produto Interno Bruto, o PIB, que desabou de 3.2% positivos em 1989 para o fundo do poço de 4.60% negativos no primeiro ano da jovem equipe da economia e que só conseguiu ficar, em 91, nos 1.21%, o que configura uma das mais graves quedas da história econômica do Brasil.

Todas as áreas da economia nacional vinham de índices positivos e significativos ao cair nas garras e na unha do governo Collor. Porém, caíram em dois anos, embora passando por algumas reparações fisiológicas, que evidente-

mente se devem ao fato de que a sociedade — as forças produtivas — reage por si mesma, num instinto de conservação e sobrevivência que a obriga a buscar saídas para as crises. Mas isso não é solução perene. É a autodefesa do organismo contra os micróbios da infecção.

Quanto aos últimos sete meses, ouvem-se rumores de que o quadro só surpreenderá se não for assustador. Porque a coisa, pelos cenários levantados, dá susto.

Tem aí, portanto, o presidente Itamar Franco e seus principais auxiliares o grande desafio: fazer crescer o País, fazer cair o desemprego, melhorar as condições de vida da população mais humilde, ainda que à custa de uma inflaçãozinha...

Afinal o que nós vimos foi a modernidade dos porões do PC e a imoralidade do crescimento da miséria e da fome. Coitados dos descamisados e pés descalços!!!

JORNAL DE BRASILIA 23 OUT 1992